



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Ribas Ferreira Paes, Adriana; Seabra Costa, Karla da; Pessôa Fontes, Luciana; Ribas Castro, Rodolfo
de; Nogueira Engelhard, Susana
Interações Iniciais Mãe-bebê

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 3, 2004, pp. 295-302
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817302>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Interações Iniciais Mãe-bebê

Maria Lucia Seidl de Moura^{1,2}

Adriana Ferreira Paes Ribas

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Karla da Costa Seabra

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Estácio de Sá

Luciana Fontes Pessôa

Rodolfo de Castro Ribas Jr.

Susana Engelhard Nogueira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este estudo visou a analisar características das interações iniciais mãe-bebê em um contexto urbano brasileiro. Foi avaliada a relação entre características de interações, atividades maternas e a concepção acerca das competências dos bebês, bem como a relação entre características destas atividades e o estado de vigília dos bebês. A amostra foi constituída por 30 dyads que tinham idade média de 29 dias. Registrhou-se em vídeo as atividades da diáde durante 20 minutos. As mães responderam a um questionário às mães. Os dados foram analisados em termos da percentagem de ocorrências das atividades e da interação. Os episódios de interação identificados foram de curta duração, predominantemente face-a-face, com contextos específicos de troca e se caracterizaram principalmente por atividades sociais. Os bebês foram avaliados como participantes das trocas sociais. Os resultados contribuem com elementos importantes para discussão dos primeiros processos interacionais.

Palavras-chave: Interação mãe-bebê; interação precoce; desenvolvimento inicial.

Initial Mother-infant Interactions

Abstract

This study aimed at analyzing the characteristics of initial mother-baby interactions in a Brazilian urban environment. The relationship between the interaction characteristics, mother's activities and their conception about the baby's competencies, as well as the relationship between the characteristic of those activities and the baby's awareness state. A sample of 30 mother-baby dyads was observed. The dyads consisted of mothers and her babies who were, on average, 29 days old. The dyads were videotaped for 20 minutes and the mothers were asked to answer a questionnaire. The data were analyzed in terms of the percentage of the occurrences of the dyad's activities and interaction. The episodes of interaction identified were short-term, mainly face-to-face, having a specific context and mostly distinguished as social activities. The babies were evaluated as active and participant in the social exchange. The results contribute with important elements for discussion of the nature of the first interactional processes.

Keywords: Mother-infant interaction; early interaction, initial development.

interações iniciais mãe-bebê em um contexto urbano brasileiro; 2) investigar as relações entre essas características e a concepção das mães acerca das competências dos bebês; 3) avaliar relações entre a ocorrência de determinadas atividades das mães (Ex.: fala e atribuição de significado e/ou intenção aos comportamentos do bebê) e a concepção materna acerca das competências dos bebês; 4) estudar as relações entre atividades das mães e o estado de vigília dos bebês.

Conforme destacam Smotherman e Robinson (1990), no período logo após o nascimento pode-se claramente observar interações entre bebês e seus cuidadores. Para Vinter (1987) há uma espécie de pré-adaptação que propicia, desde o nascimento, a construção de um sistema de comunicação mãe-bebê. No curso das primeiras semanas, os bebês apresentam uma ligação estreita entre os sistemas de percepção e ação organizada, parecendo predispostos a responder seletivamente a estímulos sociais (Rochat, 2001). Segundo Trevarthen e Hubley (1978), os recém-nascidos possuem uma motivação básica para se relacionar com pessoas. Durante este período os bebês estão sintonizados socialmente e sua perspectiva em relação às pessoas é ‘atencional’, ainda sem sinais de intersubjetividade (Rochat & Striano, 1999). Os bebês apresentam, no entanto, uma vida subjetiva, traços de temperamento duradouros e linhas de base afetivas particulares que fazem parte de seu senso privado de *self* (Rochat, 2001). Nas interações mãe-bebê, os afetos, sentimentos e emoções de um ecoam os do outro por espelhamento, contágio ou reações contingentes dentro de um curto espaço de tempo. É isto que permite o desenvolvimento da intersubjetividade.

No segundo mês, bebês apresentam os primeiros sinais de “intersubjetividade primária” (Rochat & Striano, 1999). Esta é uma forma de interação que se apresenta nos primeiros meses de vida do bebê (entre os 2 e 3 meses) e tem como aspectos essenciais o interesse que o bebê demonstra pela fala da mãe e sua capacidade, nas primeiras trocas entre os dois, de orientar sua atenção para o rosto da mãe e de responder imediatamente às solicitações dela. Respondendo a estas características dos bebês, e orientados pelos sistemas de cuidados parentais (Keller, 1998) os adultos que deles cuidam são muito sensíveis às pistas

1980). No caso da mãe há um ajuste intuitivo à atividade às capacidades do bebê (Bruner, 1976), que pode ser percebido, inclusive, em termos de desenvolvimento (Snow, 1994).

Para caracterizar as interações mãe-bebê parecem fundamentais: a reciprocidade e a co-regulação (Brazelton & Cramer, 1996). Argumenta-se que a interação exigida entre mãe e bebê deve responder aos comportamentos um do outro, sobretudo, sustentada por ambos. Essa reciprocidade é encontrada desde fases iniciais do desenvolvimento. A reciprocidade pode ser inferida, por exemplo, no processo de socialização (Bruner, 1983) e nas evidências produzidas por meio da observação de rosto imóvel (Ex.: Brazelton & Cramer, 1996). Para que ocorra reciprocidade, é preciso considerar, segundo Brazelton & Cramer (1996), que ocorre algum nível de comunicação entre a mãe e o bebê. Esse nível de comunicação pode se dar de diferentes formas: olho a olho, sorrisos, vocalizações, posturas, expressões faciais, tom de voz, aproximação e afastamento, brincadeiras e o choro. Mãe e bebê são sensíveis ao outro e respondem a eles. No caso da mãe, é preciso verificar a atribuição de significados de acordo com a troca e de seu conhecimento do bebê. Atribuir significado é mediado pelas representações mentais acerca do mundo, de um modelo geral de interação, de um conjunto de representações e expectativas de desenvolvimento. É no processo de interação que se desenrolam as ações de significações nele envolvida que se desenvolve a comunicação, de “fazer sentido um para o outro”. A comunicação que se estabelece entre a mãe e o bebê possibilita trocas interacionais entre eles, sempre intimamente ligadas ao próprio desenvolvimento.

Características das interações iniciais não estudas (Ex.: Brazelton & Cramer, 1992; Cohen, 1979), inclusive longitudinal e transculturalmente (Maital, Tal & Baras, 1995; Bornstein & Tamis-LeMonda, 1998). Sendo observadas transformações nessas trocas entre pais e colaboradores, o engajamento entre os parceiros é interpessoal e voltado para a própria diáde, caracterizando-se como "relacionamento".

modificação na natureza das mesmas. Quando o bebê tinha 2 semanas, o olhar e o contato físico foram os elementos essenciais para o estabelecimento e manutenção das interações, caracterizadas como exclusivamente de domínio social. Nas observações posteriores, as modalidades de comunicação foram se ampliando. Mostrar e olhar para objetos são incluídos, por exemplo. A diáde começa a incorporar elementos do mundo exterior às interações.

Algumas atividades das mães parecem ser especialmente importantes no primeiro ano de vida do bebê, pelo menos em algumas culturas ocidentais. O predomínio da atividade da mãe de olhar o bebê também foi identificado por Kaye e Fogel (1980), em uma pesquisa longitudinal na qual foi verificado que mães de bebês de 6; 13 e 26 semanas despendiam cerca de 100% do tempo de observação olhando os bebês diretamente. O toque pelas mães também foi apontado por estes autores como de fundamental importância no sentido de atrair a atenção dos seus bebês. Ao mesmo tempo, observou-se um declínio significativo da proporção de tempo durante o qual as crianças mantêm a atenção nas faces das mães. Os bebês, que inicialmente estão mais voltados para o estímulo potente que é a face humana, aos poucos incluem nas suas preferências visuais, além do rosto humano, objetos animados e inanimados do ambiente.

Além dessas transformações relacionadas ao curso da ontogênese do bebê, as formas que as trocas interacionais mãe-bebê assumem podem variar, de acordo com a diversidade de contextos socioculturais nos quais estão inseridas. Se as características dos bebês recém-nascidos são consideradas universais, assim como as propensões parentais e a presença de trocas interacionais, a forma que assumem e suas características são relativas ao contexto sociocultural. LeVine (1989) discute esta questão apontando que as condições em que se dá o desenvolvimento inicial em sociedades não ocidentais são bastante diversas das do ocidente. Neste sentido, os padrões de interação devem ser investigados considerando a variação cultural nos ambientes iniciais de desenvolvimento. Aqui, uma referência às idéias de Keller (1998) é especialmente útil. Para ela, pelo menos

em resposta a seu choro, e pacificando o bebê principalmente com cuidados extras oferecidos são, creches).

Keller (1998) classifica o desenvolvimento humano com os cuidados, basicamente, por um adulto ou um(a) substituto(a), de modo ‘múltiplos’ (os cuidados com os outros membros do grupo social) e ‘exclusivos’ (o modo como é dada atenção ao bebê). Pode ser co-ativa (a mãe realiza atividades com seu bebê) ou exclusiva (outras atividades simultaneamente aos cuidados com o bebê). O modo de cuidado ocidental e não ocidental em relação ao ambiente social, que é despendida com o bebê. O modo de cuidado social múltiplo e estrutura atencional ocidental apresentaria uma estrutura atencional exclusiva. A estrutura atencional exclusiva em ambientes diádicos exclusivos parece predominar um modo de cuidado que se baseia principalmente em interações vocais/verbais. Nos ambientes diádicos exclusivos, os bebês são carregados quase o tempo todo e o contato corporal é bem maior e mais intenso. Eles recebem um do outro são táticos.

Mesmo em cada um desses contextos, as interações parentais, podem ser observadas com diferentes tipos culturais específicos. Bornstein et al. (1992), por exemplo, identificaram que mães americanas e britânicas com seus bebês de 5 meses de idade dão mais atenção ao bebê do que as mães americanas. Da mesma forma, Kawai (1988) encontraram diferenças entre os resultados de um estudo que compara o microcontexto de interação entre mães e bebês de 3 meses de idade norte-americanas e japonesas. Os resultados indicaram que as mães de diferentes culturas responderam de maneira diferente ao comportamento dos bebês, mesmo quando

distribuição dos vários sistemas parentais para se compreender as características comuns e as variações culturais nas interações iniciais. Constatando-se a carência de estudos brasileiros sobre o tema, este trabalho visa preencher parcialmente essa lacuna e oferecer algumas evidências sobre interações iniciais em diádes mãe-bebê em contexto urbano.

Método

Amostra

Participaram 30 diádes mãe-bebê. As mães tinham entre 17 e 39 anos ($m=28$ anos) e apresentavam níveis de instrução variados: fundamental ($n=6$), médio ($n=7$) e superior ($n=17$). Os bebês tinham entre 22 e 37 dias ($m=29$ dias) na ocasião da observação. O grupo tinha aproximadamente o mesmo número de mães que trabalhavam fora ($n=16$) e que não trabalhavam ($n=14$). Na ocasião da observação, as mães que trabalhavam fora de casa estavam de licença maternidade.

As famílias residiam em bairros distribuídos por diversas regiões das cidades de Nova Iguaçu, São Gonçalo e Rio de Janeiro. Quase todas as diádes pertenciam a famílias nucleares, constituídas por pai, mãe e um ou mais filhos.

Instrumento

Foi utilizado o *Questionário sobre a Concepção de Competências do Bebê Recém-Nascido* (QCBR, IF *Guttman split-half*=0,86), que inclui 35 itens distribuídos nas seguintes áreas, identificadas através da análise de componentes principais (Ribas & Seidl de Moura, 1995): área I - Capacidades sensoriais e de imitação que possibilitam ao bebê um conhecimento do mundo e das pessoas; área II - Diferenças individuais entre bebês e sua capacidade de interagir com o mundo e pessoas; área III - Possibilidade de participação ou alheamento nas interações.

Procedimentos

Antes de aceitarem participar da pesquisa, as mães receberam esclarecimentos necessários sobre sua natureza, sobre o sigilo e confidencialidade das respostas, sobre o uso restrito das imagens em vídeo e sobre o caráter voluntário da participação. As diádes

Foram descritos, ainda, os contextos específicos de amamentação, mãe cuidando do bebê) em cada dia e identificados os estados de vigília dos bebês. Foram transcritas todas as falas e vocalizações realizadas durante a observação.

Inicialmente os dados foram analisados quantitativamente, com a percentagem de ocorrências das atividades observadas e das ocorrências de interação, de domínio sobre objetos. Em seguida, foi elaborado um quadro das atividades realizadas pela mãe e pelo bebê, que, em seguida de uma análise qualitativa destas atividades, as interações identificadas foram analisados quanto à descrição, contexto específico de troca, quantidade e duração. Foi ainda realizada uma análise qualitativa considerando aspectos como: natureza da interação, parceiros, ocorrência ou não de ajustes, possíveis sentidos de favorecer interações, cenários tipificados, ocorrência de interação, entre outros. Foram também analisadas tentativas de interação não efetivadas.

As falas e vocalizações da mãe durante a observação foram analisadas quantitativamente, em termos de frequência, atribuição de significado e intenção aos contextos da mãe e do bebê, e qualitativamente, em termos da natureza das interações. Em relação ao QCBR, foram computados os resultados parciais obtidos pelas mães.

Codificação de Dados

Os registros em vídeo foram analisados para caracterizar: interações mãe-bebê, atividades realizadas, estados de vigília do bebê e contextos específicos. As atividades da mãe e do bebê foram observadas e categorizadas para caracterizar instâncias de interação e não interação. As interações foram ainda categorizadas quanto à natureza mutuamente excludentes e exaustivos: domínio sobre o bebê (DS) e domínio de interação mediado por outras pessoas (TI). As tentativas de interação não efetivada (TNE) foram identificadas e analisadas.

As atividades da mãe consideradas fisiológicas (mamando, dormindo, etc.) foram excluídas da análise.

Resultados e Discussão

Considerando a percentagem de ocorrências nos intervalos, verificou-se que as atividades predominantes das mães nos períodos observados foram: olhar o bebê (99,2%) e tocar o bebê (83,4%), confirmando algumas evidências da literatura, como dos estudos de Kaye e Fogel (1980) e Ribas (1996), já citados. Estes achados sugerem a importância das atividades de olhar e tocar no processo interacional mãe-bebê. Os dados relativos à percentagem de ocorrência de atividades das mães e bebês e ocorrências de interação são apresentados na Tabela 1.

Apesar de ser necessário considerar a existência de uma ampla gama de diferenças individuais entre os bebês já no nascimento, parece razoável considerar a existência também de um repertório comum de atividades características de bebês nesta fase. Nesta investigação, considerando a percentagem de ocorrências nos intervalos, foi verificada a predominância das seguintes atividades dos bebês: olhar o ambiente (54%), vocalizar (48,9%), olhar a mãe (39,6%) e mamar (38,1%).

Essas atividades ocorreram em todos os intervalos do bebê. Foram calculadas as percentagens relativas entre diferentes estados, indicando uma predominância do Estado 5. Pelo procedimento adotado, a maioria das interações com o bebê adormecesse. Consistentemente, a maior parte das interações se dava no Estado 5, o estado mais freqüente no qual o bebê adormecesse.

Foram identificados episódios de interação entre mãe e bebê, divididas observadas. Os episódios de interação eram em torno de 9% dos intervalos. A maioria das interações era social, confirmando evidências da literatura. As interações sociais mostram-se mais voltadas para a troca de informações, apresentar a ele objetos e eventuais interações progressivamente.

A natureza das interações entre mãe e bebê durante o desenvolvimento apresenta peculiaridades. A maioria das interações é social, com medida em que ela seleciona os momentos de interação com o bebê de acordo com o repertório de comportamento e os contextos específicos de troca.

Tabela 1
Ocorréncia de Interação e Atividade nos Diferentes Estados de Vigília
Distribuição de Atividades (n) Considerando Estados N=900 intervalos

Estado	DSOC	DDID	Tenta	Mgesto	Mvocali	Mfala	MSorri	MToque	Molha	Mmostra	Mtroca
1	0	0	0	0	4	9	2	19	19	19	0
2	18	0	7	1	30	136	18	183	252	3	
3	77	0	14	3	80	405	61	500	583	6	
4	6	0	1	1	38	130	10	148	160	1	
5	1	0	0	0	24	88	8	97	101	0	
Total Absoluto	81	0	21	3	124	575	76	751	893	8	

Distribuição de Atividades (%) Considerando Estados/Percentagem geral

Estado	DSOC	DDID	Tenta	Mgesto	Mvocali	Mfala	MSorri	MToque	Molha	Mmostra	Mtroca
1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,44	1,00	0,22	2,11	2,11	0,00	
2	2,00	0,00	0,78	0,11	3,33	15,11	2,00	20,33	28,00	0,33	
3	8,56	0,00	1,56	0,33	8,89	45,00	6,78	55,56	64,78	0,67	
4	0,67	0,00	0,11	0,11	4,22	14,44	1,11	16,44	17,78	0,11	
5	0,11	0,00	0,00	0,00	2,67	9,78	0,89	10,78	11,22	0,00	
Total Absoluto	9,00	0,00	2,33	0,33	13,78	63,89	8,44	83,44	99,22	0,89	

Distribuição de Atividades (n) Considerando Estados N=900 intervalos

Os contextos específicos de troca mais apropriados para as interações se transformam no curso do desenvolvimento. No presente estudo, onde foram observados bebês com idade média de 29 dias em suas casas, os contextos específicos de troca das diádes foram restritos, como já era esperado. Predominaram nos episódios de interação: bebê no colo da mãe, mamando ($n=30$), bebê no colo da mãe sem estar mamando ($n=13$) e cuidado, como: trocar fralda, vestir, dar remédio ($n=8$).

Foram observados 53 episódios de interação, com uma duração média de 22,4s, variando entre 6s e 2 min e 5s. Mesmo com a faixa de variação observada, pode-se dizer que foram, em geral, curtos os episódios em que mãe e bebê estavam engajados. Parecem ser, principalmente, as características do bebê, como parceiro, que impõem limites temporais à interação.

As durações médias dos episódios de interação variaram nos diferentes contextos de troca: cuidado (9,75s), bebê no colo sem estar mamando (21,9s) e bebê no colo mamando (26,5s). A maior duração dos episódios de interação no contexto de amamentação pode ser explicada pelo fato de que a posição em que os parceiros se encontram é facilitadora de maior engajamento, no sentido da manutenção do contato visual. A distância pequena em que os rostos dos dois ficam um do outro também parece propiciar o prolongamento do contato visual. Outro aspecto que deve ainda ser levado em conta é que a própria atividade de amamentação tende a durar mais tempo do que outras como trocar fralda, por exemplo.

As diádes observadas realizaram, predominantemente, trocas face-a-face, que parecem ser características do início do desenvolvimento neste tipo de investimento parental (ocidental). Em grande parte dos episódios identificados, mães e bebês olhavam-se mutuamente e as mães, ao mesmo tempo, falavam com os bebês, acariciavam, sorriam e atribuíam significado aos comportamentos deles. Os ajustes posturais das mães feitos na tentativa de melhor acomodar os bebês e facilitar o contato visual entre eles, devem ser destacados. Os bebês, com um repertório de comportamentos mais restrito, tendiam a olhar para o rosto das mães e a movimentar os membros. Embora pouco freqüentes, foram identificadas interações nas quais não ocorreu o contato visual mãe-bebê. As interações foram iniciadas

específico em que a mãe está sentada ao lado da cama do casal. As tentativas observadas foram feitas por parte das mães e tiveram como objetivo: chamar a atenção do bebê para si, ou chamar o bebê para o ambiente. A atenção das mães se refere ao estado de vigília dos bebês e a tentativa de modificá-lo de acordo com o contexto puderam ser observadas. Nesses momentos as mães tentavam não deixar os bebês dormirem enquanto eram amamentados, em outros, a intenção era tranquilizar os bebês, para lhes proporcionar sono.

A percentagem de intervalos em que o bebê permaneceu em que foram identificadas tentativas de mudar o estado de vigília do bebê foi menor que a percentagem de intervalos em que as mães assumiram a responsabilidade de tentar mudar o estado de vigília do bebê. Estas tentativas ocorreram, em sua maioria, no contexto de amamentação, em situações em que a mãe demonstrava passar do estado alerta ao sono. Nesses momentos as mães agiam no sentido de trazê-los novamente para o sono. Quando a mãe estava alerta para que continuasse mamando. Na maioria das tentativas, as mães se utilizavam de pistas possíveis para chamar a atenção do bebê. Falavam e chamavam os bebês no intuito de que os bebês engajassem com ela ou prestassem atenção ao ambiente.

Considera-se que os estados de vigília do bebê são um dos elementos importantes da auto-regulação. Observou-se, a partir da análise qualitativa das interações, que as mães tendem a levar em conta informações sobre o estado de vigília do bebê para guiar seu comportamento. A diminuição da interferência, utilizando-se a terminologia de Brazeltón e Cramer (1992), ou seja, falar com o bebê sem tentar chamar a atenção dele durante a amamentação, quando identificado nas análises, é um bom exemplo. Por outro lado, a análise dos estados de vigília do bebê que predominaram durante os episódios de interação não efetivada revelou que a maior parte desse tipo de interação ocorreu no estado 3. Isto indica que o bebê permanecia comunicava isto à mãe pelas atividades que realizava (mover os membros, vocalizar), e a mãe respondia a essas atividades.

elas um significado, as interpretam de acordo com suas referências, e agem, em resposta aos bebês, de acordo com esta interpretação. Isto se revela, em parte, nas falas que são classificadas nesse estudo como de ‘atribuição de significado’. Cabe lembrar que, numa opção conservadora, só foram classificadas desta maneira manifestações explícitas da fala da mãe. Foram observadas 199 instâncias de atribuição de significado, a maioria delas sobre ‘preferências/vontade’ (52,8%). As demais foram sobre ‘estados emocionais’ (16%); ‘condição/sensação física’ (16%); ‘necessidades básicas/fisiológicas’ (14,6%) e ‘capacidade cognitiva’ (0,6%). O fato das atribuições feitas pelas mães e reveladas em suas falas mostrarem-se predominantemente vinculadas a preferências e vontades dos bebês revela uma concepção de que estes últimos, desde muito cedo, mostram-se capazes de fazer uma série de discriminações sensoriais e ter, consequentemente, diversas preferências.

Embora, de modo geral, as mães tenham apresentado os mesmos comportamentos durante as interações, foram identificadas certas particularidades e diferenças individuais entre elas. Os estilos de lidar com os bebês variaram. Em relação às atividades de cuidado, por exemplo, algumas mães realizavam as tarefas com os bebês de forma rápida, eficiente e mostravam-se menos atentas aos sinais comunicativos e comportamentos dos bebês. Outras, realizavam as tarefas mais lentamente, aproveitando as atividades executadas naquele contexto como elementos para a interação, ou seja, falavam com os bebês sobre o que estavam fazendo e atribuíam a eles estar ou não gostando daquelas atividades. Na amamentação, os estilos também diferiram. Algumas mães permaneciam atentas ao bebê durante a amamentação, olhando para eles e os acariciando. Outras tendiam a realizar tarefas enquanto amamentavam, como, por exemplo, ver televisão.

Escores totais no QCBR foram calculados. Escores mais altos no QCBR indicam uma visão mais positiva e acurada das competências de bebês. O grupo de mães que respondeu ao questionário obteve um escore total médio de 139,94 ($df=14,07$). Trata-se de um escore médio alto, compatível com resultados obtidos em um estudo realizado com adultos por Seidl de Moura, R. Ribas, A. Ribas e Correa (submetido). O resultado obtido no presente estudo é semelhante ao obtido em uma amostra de

seguintes atividades da mãe: falar, de significado, e com a variável pronominal (freqüência e percentagem de uso da pronome eu em termos de número de episódios e percentagem de ocorrência). Não foram encontradas diferenças significativas entre os escores do QCBR e da fala da mãe (freqüência e percentagem de uso da pronome eu) e da tentativa de interação (idem). Foram encontradas diferenças significativas entre os escores totais da fala da mãe e da fala das mães: falar ($r=0,52; p<0,05$), sorri e falar ($r=0,45; p<0,05$), sorri e significado ($r=0,45; p<0,05$).

A identificação de correlações entre as variáveis da fala da mãe, e o escore total no QCBR resultou em uma associação entre o status que as mães atribuem a seu bebê e o escore total, de forma como agem em relação a ele. As mães que consideraram os bebês competentes e interessados em interlocutores e realizam mais interações comunicativas do tipo falar e sorrir.

As atividades das mães e os comportamentos realizados nos episódios de interação, foram agrupados em uma nova variável que expressa a intensidade da interação. O índice de atividade da mãe foi calculado dividindo-se o tempo que a mãe passava com o bebê, sorrir, tocar o bebê, vocalizar, mamar, olhar ambiente, etc. O índice de atividade do bebê foi calculado dividindo-se o tempo que o bebê passava com a mãe, mamar, vocalizar, olhar ambiente, etc. Foi possível identificar correlações entre os escores totais da fala da mãe e dos índices de atividade da mãe e do bebê. Houve uma correlação significativa entre o escore total da fala da mãe e o índice de atividade da mãe ($r=0,45; p<0,05$).

Considerações finais

Considera-se que o presente estudo contribuiu para a contribuição ao estudo de interações entre mães e bebês. A análise das atividades comuns a mães e bebês e suas interações sociais foi identificado e analisado. A análise das interações iniciais nessas interações, bem como a investigação das relações entre as interações iniciais e as interações subsequentes, suas atividades e interações com o ambiente.

Os episódios de interação identificados no presente estudo

nascidos, considerando-os como ativos e participantes das trocas sociais. Mais importante do que este resultado, no entanto, são as correlações significativas obtidas entre o escore total neste instrumento, o índice geral de atividade da mãe, e as variáveis falar, sorrir e atribuir significado. Isto revela uma relação entre algumas das representações das mães e suas ações direcionadas a seus bebês recém-nascidos.

Estes achados mostram-se congruentes com a literatura internacional, e trazem elementos importantes para a discussão acerca da natureza e de aspectos universais e específicos dos primeiros processos interacionais.

Referências

- Bornstein, M. & Tamis-LeMonda, C. S. (1990). Activities and interactions of mothers and their firstborn infants in the first six months of life: Covariation, stability, continuity, correspondence and prediction. *Child Development*, 61, 1206-1217.
- Bornstein, M. H., Maital, S. L., Tal, J. & Baras, R. (1995). Mother and infant activity and interaction in Israel and the United States: A comparative study. *International Journal of Behavioral Development*, 18, 63-82.
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bruner, J. (1983). *In search of mind: essays in autobiography*. New York: Harper & Row.
- Fogel, A., Toda, S. & Kawai, M. (1988). Mother-infant face-to-face interaction in Japan and the United States: Laboratory comparison using 3-month-old infants. *Developmental Psychology*, 24, 398-406.
- Heckhausen, J. (1987). How do mothers know? Infants' chronological age or infants' performance as determinants of adaptation in maternal instruction? *Journal of Experimental Child Psychology*, 43, 212-226.
- Kaye, K. & Fogel, A. (1980). The temporal structure of face-to-face communication between mothers and infants. *Developmental Psychology*, 16, 454-464.
- Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8, 1-14.
- Keller, H. (1998). Different socialization pathways to adolescence. Trabalho apresentado na 4th Africa Region International Society for the Study of Behavior Development Conference, ISSBD, Windhoek, Namibia, 20-23 de Julho.
- LeVine, R. A. (1989). Cultural environments in child development. Em W. Damon (Org.), *Child development today and tomorrow* (pp. 52-68). San Francisco: Jossey-Bass.
- Osofsky, J. D. & Connors, K. (1979). Mother-Infant Interaction: An integrative view of a complex system. Em J. D. Osofsky (Org.), *Handbook of infant development*. New York: John Wiley & Sons.
- Ribas, A. F. P. (1996). *Interações precoces mãe-bebê: A gênese de zonas de proximidade*. Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.
- Ribas, A. F. P. & Seidl de Moura, M. L. (1995). Construção do estudo da conceção de adultos acerca das competências *Brasileiros de Psicologia*, 47, 89-99.
- Ribas, A. F. P. & Seidl de Moura, M. L. (1998). Intereração precoce. *Psicología*, 9, 50-66.
- Robin, M. (1980). Interaction process analysis of mothers with infants. *Early Child Development and Care*, 6, 93-108.
- Rochat, P. (2001). *The infant's world*. Cambridge, Mass., and London: MIT Press.
- Rochat, P. & Striano, T. (1999). Social-cognitive development. In P. Rochat (Org.), *Early social cognition: Understanding others in the first years* (pp. 3-34). Mahwah, New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.
- Rosenthal, M. K. (1983). State variations in the newborn and during breast feeding: Some sex differences. *Developmental Psychology*, 19, 101-106.
- Seidl de Moura, M. L. & Ribas, A. F. P. (1996). Mother and infant interaction: A study of zones of proximal development. *Abstracts, II Ind Conference on Early Childhood Education*, Geneva, p. 45.
- Seidl de Moura, M. L., Ribas, R. C.; Ribas, A. F. P. & Correa, M. (1998). Adultos sobre competências de bebês de 0 a 2 meses de vida. *Revista Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento e das Relações Interpessoais*, 26, 11-20.
- Smotherman, W. & Robinson, S. (1996). The development of sex differences in social cognition. *Developmental Psychology*, 32, 3, 425-434.
- Snow, C. (1994). Beginning from baby talk: Twenty years of research on language acquisition. Em C. Gallaway & B. J. Richards (Orgs.), *Language acquisition* (pp. 3-12). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Tomasello, M. (1999). Social cognition before the revolution. In P. Zelazo, K. Cohen & B. Kotovsky (Eds.), *Social cognition: Understanding others in the first months of life*. New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.
- Trevathan, C. & Hubley, P. (1978). Secondary intersubjectivity and acts of meaning in the first year. Em A. Lock (Org.), *The emergence of language*, (pp. 183-229). London: Academic Press.
- Vinter, A. (1987). *A imitação do recém-nascido*. São Paulo: Manole.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Zahar.

Sobre os autores

Adriana F. Paes Ribas é Psicóloga, Doutora em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Professora do Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá.